

**ESPELHO, ESPELHO MAU, COMO SÃO AS ADAPTAÇÕES PSICOFÍSICAS POR MEIO DO CAPITAL? REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NA PERSPECTIVA GRAMSCIANA**

***ESPEJO, ESPEJO MALO, ¿CÓMO SON LAS ADAPTACIONES PSICOFÍSICAS A TRAVÉS DEL CAPITAL? REFLEXIONES SOBRE LA EDUCACIÓN FÍSICA ESCOLAR DESDE LA PERSPECTIVA GRAMSCIANA***

***MIRROR, BAD MIRROR, HOW ARE THE PSYCHOPHYSICAL ADAPTATIONS THROUGH CAPITAL? REFLECTIONS ON SCHOOL PHYSICAL EDUCATION FROM THE GRAMSCIAN PERSPECTIVE***



Felipe Machado HUGUENIN<sup>1</sup>  
e-mail: felipehuguenin@gmail.com



Vitor Alexandre Rabelo de ALMEIDA<sup>2</sup>  
e-mail: vitoralexandrea\_@hotmail.com



Fabiane Frota da Rocha MORGADO<sup>3</sup>  
e-mail: fabianefrota@ufrrj.br

**Como referenciar este artigo:**

HUGUENIN, F. M.; ALMEIDA, V. A. R.; MORGADO, F. F. R. Espelho, espelho mau, como são as adaptações psicofísicas por meio do capital? Reflexões sobre a Educação Física Escolar na perspectiva gramsciana. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 19, n. 00, e024014, 2024. e-ISSN: 1982-5587. DOI: <https://doi.org/10.21723/riaee.v19i00.18092>



- | Submetido em: 23/05/2023
- | Revisões requeridas em: 03/08/2023
- | Aprovado em: 16/11/2023
- | Publicado em: 07/02/2024

**Editor:** Prof. Dr. José Luís Bizelli  
**Editor Adjunto Executivo:** Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

<sup>1</sup> Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Seropédica – RJ – Brasil. Doutorando do Programa de Pós-graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEduc/UFRRJ).

<sup>2</sup> Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Seropédica – RJ – Brasil. Doutorando do Programa de Pós-graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEduc/UFRRJ).

<sup>3</sup> Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Seropédica – RJ – Brasil. Professora adjunta do Departamento de Educação Física e Desportos, Instituto de Educação, UFRRJ. Professora permanente do Programa de Pós-graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEduc/UFRRJ).

**RESUMO:** Gramsci fez importantes reflexões sobre as adaptações psicofísicas dos sujeitos em meio às novas exigências do mercado. Analisou o desenvolvimento de uma nova forma de organização das bases materiais de produção e das relações sociais. O Fordismo/Taylorismo objetivou o aumento da produtividade na indústria, que ajudou na construção da hegemonia do capital. O objetivo deste texto é apresentar as adaptações psicofísicas dos sujeitos influenciadas pelo capitalismo, do Fordismo ao Toyotismo, e delinear resumidamente como o corpo é tratado nas aulas de Educação Física e na escola. Conceitua preliminarmente a teoria gramsciana, tece considerações sobre as adaptações psicofísicas nos modelos de desenvolvimento e apresenta as implicações corporais dos indivíduos e suas relações cotidianas na escola. Conclui-se que contextualizar as práticas corporais na Educação Física requer maior profundidade. Por meio da compreensão dialética, os(as) alunos(as) podem desenvolver uma perspectiva crítica sobre as adaptações psicofísicas impostas pelo capitalismo e seus ideais corporais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Corpo. Aspectos Psicossociais. Gramsci. Educação. Educação Física.

**RESUMEN:** Gramsci realizó importantes reflexiones sobre las adaptaciones psicofísicas de los sujetos en medio de las nuevas exigencias del mercado. El Fordismo/Taylorismo tuvo como objetivo aumentar la productividad en la industria, lo cual contribuyó a la construcción de la hegemonía del capital. El objetivo es presentar las adaptaciones de los individuos influenciadas por el capitalismo, desde el Fordismo hasta el Toyotismo, y delinear cómo se trata el cuerpo en las clases de Educación Física y en la escuela. Se conceptualiza preliminarmente la teoría gramsciana, se tejen consideraciones sobre las adaptaciones psicofísicas en los modelos de desarrollo y se presentan las implicaciones corporales de los individuos y sus relaciones cotidianas en la escuela. Se concluye que contextualizar las prácticas corporales en la Educación Física requiere una mayor profundidad. Mediante la comprensión dialéctica, los estudiantes pueden desarrollar una perspectiva crítica sobre las adaptaciones psicofísicas impuestas por el capitalismo y sus ideales corporales.

**PALABRAS CLAVE:** Cuerpo. Aspectos Psicosociales. Gramsci. Educación. Educación Física.

**ABSTRACT:** Gramsci made important reflections on the psychophysical adaptations of individuals in the face of new market demands. He analyzed the development of a new form of organization of the material bases of production and social relations. Fordism/Taylorism aimed at increasing productivity in the industry, which contributed to the construction of the hegemony of capital. The goal is to present the psychophysical adaptations of individuals influenced by capitalism, from Fordism to Toyotaism, and to outline briefly how the body is treated in Physical Education classes and in school. The Gramscian theory is preliminarily conceptualized, considerations are woven regarding psychophysical adaptations in development models, and the bodily implications of individuals and their daily relationships in school are presented. It is concluded that contextualizing bodily practices in Physical Education requires greater depth. Through dialectical understanding, students can develop a critical perspective on the psychophysical adaptations imposed by capitalism and its bodily ideals.

**KEYWORDS:** Body. Psychosocial Aspects. Gramsci. Education. Physical Education.

## Introdução

Completados oitenta e seis anos da morte, em abril de 2023, do intelectual italiano Antonio Gramsci, seus escritos continuam como base para estudos nos mais diversos campos dos saberes, o que o transforma em um dos pensadores estrangeiros mais discutidos no Brasil nos últimos anos. O legado teórico do pensador sardo exerce profunda influência sobre os escritos acadêmicos brasileiros, sobretudo em estudos na área de Educação (Coutinho, 2009). Gramsci enxergava nos intelectuais orgânicos, indivíduos gerados historicamente e envolvidos organicamente em um grupo social, a via de mudança, pois expressavam os valores e as visões particulares do grupo. Além disso, acreditava na escola como um dos principais instrumentos para efetivar tais mudanças (Cruz, 2021; Gramsci, 1999).

O papel desses intelectuais não se limitava a produzir o discurso, mas passava pela organização de práticas sociais. Ademais, Gramsci entendia que a escola deveria dar acesso à cultura, com o objetivo de livrar as massas de uma visão de mundo determinada em preconceitos e tabus, que leva à interiorização acrítica da ideologia dominante. Essa herança teórica evidencia a preocupação com a luta pela consciência de classe na sociedade capitalista, bem como a preocupação com a educação (Gramsci, 1999).

Ao ampliar os estudos acerca do capital, Gramsci tece preciosas formulações sobre o desenvolvimento de uma nova forma de organização das bases materiais de produção e das relações sociais, que ajudaram na construção da hegemonia, por meio dos mecanismos de coerção e consenso junto à classe operária (Gramsci, 2015). Especificamente no Caderno 22, o teórico analisa o modelo de desenvolvimento Fordismo/Taylorismo, ainda em sua fase embrionária, que objetivou o aumento da produtividade na indústria, porém exigiu “adaptações psicofísicas” (Gramsci, 2015, p. 226) dos trabalhadores.

Adaptações psicofísicas, na perspectiva de Gramsci, são relacionadas diretamente às novas condições de trabalho, de nutrição, de habitação, de costumes, que a vida na indústria impunha (Gramsci, 2015). Essa nova vida exigia um aprendizado geral, pois “não é algo inato, “natural”, mas exige ser adquirido” (Gramsci, 2015, p. 229). A história do industrialismo marca uma luta contínua contra a animalidade do ser humano, ou seja, entre os instintos naturais e as normas e hábitos de ordem, exatidão e precisão. A preocupação central era preservar a eficiência física e corporal do trabalhador (Gramsci, 2015).

Muitas das proposições elaboradas por Gramsci, especialmente aquelas relacionadas às adaptações psicofísicas, continuam atuais. Como elucidada Bauman (2008), na sociedade contemporânea as relações são norteadas pelo consumismo, uma das bases do capitalismo.

Consumismo para além de produtos, mas de costumes, hábitos e valores. Na sociedade de consumidores, marcada pela dualidade consumidor-mercadoria, existe um medo de estar à margem da própria sociedade e uma valorização excessiva da aparência. Os indivíduos são objetos de consumo medidos pelo capital, tornam-se mercadorias antes mesmo de se tornarem sujeitos, devido à incorporação de padrões sociais impostos (Bauman, 2008).

Na esteira desta questão, observamos que os fatores relacionados aos padrões impostos, ao consumismo e à aparência podem ser associados à metáfora do espelho. Tal metáfora é utilizada aqui para representar uma característica intrínseca da pessoa, ser ao mesmo tempo vidente e visível (Merleau-Ponty, 2014). Ademais, é capaz de estabelecer relações entre um ser e ele mesmo, mas também entre esta pessoa e as expectativas sociais que formam sua aparência, ou seja, como os outros lhes enxergam. A mediação bem-sucedida deste conflito exige um corpo integrado, pleno e multifacetado (Tavares, 2003).

Não obstante, o espelho pode assumir um viés mercadológico, de pressão social para que o indivíduo seja aquilo que o capital exige e aquilo que os outros esperam dele. Sob esta ótica, o corpo, reduzido à perspectiva cartesiana, se assemelha à análise realizada por Beraldo (2018), em que a personagem do conto analisado evidencia uma angústia ao perceber uma imagem segmentada de si, não se reconhecendo diante do espelho.

É neste contexto que a Educação Física Escolar assume especial importância, por ser um espaço privilegiado para trabalhar questões relacionadas ao corpo e ao movimento. Como salientou Gramsci (2015), mais do que preservar o corpo útil, disciplinado e submisso, as novas características psicofísicas são transferidas por herança ou absorvidas no decorrer da infância e da adolescência. Assim, podemos considerar a Educação Física Escolar como uma área que pode e deve ser o espaço-tempo de aprendizado das práticas corporais, inseridas em um contexto histórico e repleta de significados e símbolos. Desta forma, poderia ser possível aprimorar a perspectiva crítica em relação ao corpo, de modo a viabilizar uma educação transformadora, emancipatória e crítica ao capital dentro da escola.

O presente texto tem por objetivo apresentar as adaptações psicofísicas dos sujeitos influenciadas pelo capitalismo, do Fordismo ao Toyotismo, e delinear resumidamente como o corpo é tratado nas aulas de Educação Física e na escola na atualidade. Iniciaremos expondo conceitos preliminares da teoria gramsciana. Posteriormente, teceremos as considerações sobre as adaptações psicofísicas nos modelos de desenvolvimento, marcados no mesmo bloco histórico do capital, e as implicações corporais dos indivíduos e suas relações cotidianas na escola.

## Gramsci: conceitos preliminares

Antonio Gramsci nasceu em Ales, na ilha da Sardenha, em 1891, em uma família numerosa, sendo o quarto filho dos sete do casal Francesco e Giuseppina Marcias. Na infância, contraiu uma espécie de tuberculose óssea, conhecida como doença de Pott, somente diagnosticada na idade adulta, que parece ter relação com o fato de ser corcunda. Devido às condições econômicas da família e à prisão de seu pai sob a acusação de peculato, concussão e falsidade ideológica, teve infância e adolescência complexa. No entanto, com a ajuda da mãe e dos irmãos conseguiu se formar e aos vinte e um anos ingressou na faculdade de Letras em Turin (Gramsci, 1999).

Antes mesmo de iniciar a faculdade, já se interessava em ler a imprensa socialista, sobretudo o *Jornal Avanti!*, enviado por seu irmão mais velho. Já em Turin, trabalhou com publicações de esquerda, militou em comissões de trabalhadores em fábricas e ajudou a fundar o Partido Comunista Italiano (PCI) em 1921. Posteriormente, Gramsci foi enviado à Moscou como representante do seu partido junto ao Comitê Executivo da Internacional Comunista (IC). Ele participou da Segunda Conferência do Executivo Ampliado da IC. Depois da Conferência, devido à saúde debilitada, foi internado em uma clínica para doenças nervosas onde conheceu Julia Schucht, sua futura esposa (Gramsci, 1999).

Ao retornar de Moscou, continuou a se posicionar e publicar nos jornais de esquerda italianos. Contudo, em novembro de 1926 foi preso pelo regime fascista de Benedito Mussolini. Assim, Gramsci foi condenado a mais de vinte anos de reclusão. Durante os dez anos que permaneceu preso, escreveu os textos reunidos em *Cadernos do Cárcere* e *Cartas do Cárcere*. Importante destacar que sua teoria não se encontra sistematizada em um livro escrito por ele mesmo, mas há vários livros com seus escritos (Martins, 2021).

As obras de Gramsci inspiraram a linha democrática seguida pelos partidos comunistas europeus em meados do século XX. No entanto, o filósofo marxista “pode ser considerado um ícone para a elaboração conceitual de pressupostos imprescindíveis para a compreensão do movimento político em diferentes períodos históricos” (Flach, 2020, p. 6). Isso significa que suas teorias não são restritas ao período histórico em que viveu, mesmo sendo postuladas por meio de análises complexas da realidade vivida a respeito das relações políticas que moviam a sociedade de sua época (Flach, 2020). Ainda hoje, reflexões e conceitos elaborados por Gramsci são fundamentais para compreender os conflitos sociopolíticos e econômicos de nossa sociedade.

No pensamento gramsciano, observa-se uma ampliação do conceito de Estado em relação à teoria marxista clássica, por meio da junção do Estado Stricto com a Sociedade Civil, esta entendida como uma arena de disputas/lutas entre as classes sociais nos campos ideológicos, morais e éticos. Nesse contexto, “observamos de forma explícita e clara como o nexos psicofísico dos indivíduos está influenciado pela função social que sua classe desempenha a partir da lógica da divisão do trabalho” (Silva, 2022, p. 897-898). O Estado assume a função de instrumento para promover a adequação da sociedade civil à sociedade econômica.

Gramsci amplia o conceito de Estado, que tem a dupla função de organizar e propagar uma reforma moral e intelectual, garantindo o desenvolvimento de uma vontade coletiva que concorrerá para a emergência de uma nova sociedade, uma forma de civilização moderna (Gramsci, 1984). Interessante notar que os conceitos e concepções construídas permanecem atuais, pois continuamos no mesmo Bloco Histórico (capitalismo), o Partido dos trabalhadores segue lutando para superar o capital e o Partido dominante segue lutando para a manutenção da hegemonia do capital, por meio da extração da mais-valia.

Essa constatação sugere a necessidade das classes subalternas se reconhecerem como sujeitos históricos, plenamente inseridos em uma estrutura e conjuntura de natureza complexa. Nesse cenário, em uma das reflexões, Gramsci demonstra que todos os homens são filósofos, porém, define os limites e as características desta “filosofia espontânea” (Gramsci, 1999, p. 93), peculiar a todos. A filosofia está contida:

1) na própria linguagem, que é um conjunto de noções e de conceitos determinados e não, simplesmente, de palavras gramaticalmente vazias de conteúdo; 2) no senso comum e no bom senso; 3) na religião popular e, conseqüentemente, em todo o sistema de crenças, superstições, opiniões, modos de ver e de agir que se manifestam naquilo que geralmente se conhece por “folclore” (Gramsci, 1999, p. 93).

Ao trazer essa reflexão, questiona qual a ideia que o povo faz da filosofia.

É verdade que nela se contém um convite implícito à resignação e à paciência, mas parece que o ponto mais importante seja, ao contrário, o convite à reflexão, à tomada de consciência de que aquilo que acontece é, no fundo, racional, e que assim deve ser enfrentado, concentrando as próprias forças racionais e não se deixando levar pelos impulsos instintivos e violentos. Essas expressões populares poderiam ser agrupadas com as expressões similares dos escritores de caráter popular (recolhidas dos grandes dicionários) nas quais entrem os termos “filosofia” e “filosoficamente”; e assim se poderá perceber que tais expressões têm um significado muito preciso, a saber, o da superação das paixões bestiais e elementares numa concepção da necessidade que fornece à própria ação uma direção consciente. Este é o núcleo sadio do senso comum, que poderia precisamente ser chamado de bom senso e que merece

ser desenvolvido e transformado em algo unitário e coerente. Torna-se evidente, assim, porque não é possível a separação entre a chamada filosofia “científica” e a filosofia “vulgar” e popular, que é apenas um conjunto desagregado de ideias e de opiniões (Gramsci, 1999, p. 98).

Com a demonstração de que todos têm potencial para serem filósofos, mesmo inconscientemente, pois até na manifestação mais singela de uma atividade encontram-se embutidas concepções de mundo, nas quais emergem novos paradigmas como o senso comum e o bom senso. Senso comum é uma visão de mundo disseminada de maneira não estruturada e assistemática entre as classes subalternas, ou seja, “participa-se de uma concepção de mundo imposta mecanicamente pelo ambiente exterior” (Gramsci, 1999, p. 93). Já o bom senso é uma evolução do senso comum, mesmo que ocupem um mesmo lugar; diferentemente do conhecimento científico e filosófico, que se encontra em outra esfera, marcado pela elaboração individual do pensamento.

Dito isto, Gramsci (1999) elabora uma indagação:

[...] é preferível elaborar a própria concepção do mundo de uma maneira consciente e crítica e, portanto, em ligação com este trabalho do próprio cérebro, escolher a própria esfera de atividade, participar ativamente na produção da história do mundo, ser o guia de si mesmo e não mais aceitar do exterior, passiva e servilmente, a marca da própria personalidade? (Gramsci, 1999, p. 94)

Assim, fica explícita a necessidade de cada sujeito superar o estágio do senso comum, considerando que cada um pode receber informações gerais para a formação da própria personalidade consciente. A compreensão crítica de si mesmo é obtida por meio da luta de hegemonias políticas com direções opostas. Inicia-se no campo ético, posteriormente passa ao político e, finalmente, atinge uma elaboração superior da própria concepção do real (Gramsci, 1999).

Completando este raciocínio,

A consciência de fazer parte de uma determinada força hegemônica (isto é, a consciência política) é a primeira fase de uma ulterior e progressiva autoconsciência, na qual teoria e prática finalmente se unificam. Portanto, também a unidade de teoria e prática não é um dado de fato mecânico, mas um devir histórico, que tem a sua fase elementar e primitiva no sentimento de “distinção”, de “separação”, de independência quase instintiva, e progride até a aquisição real e completa de uma concepção do mundo coerente e unitária (Gramsci, 1999, p. 103-104).

Desse modo, a formação deve ser baseada na concepção humanista e em uma nova cultura. Não se trata apenas de fazer descobertas originais individualmente, é também e,

sobretudo, divulgar criticamente as verdades já descobertas, socializá-las e, conseqüentemente, transformá-las em base de ações vitais, em elemento de coordenação e ordem intelectual e moral (Gramsci, 1999). Conseqüentemente, insere-se o termo unitária, como a conjugação da realidade abstrata e concreta, ou seja, teoria e prática para qualificar as ações humanas. E, ao que parece, é importante criticar a própria concepção de mundo, na busca por uma maior coerência.

Essa busca encontra-se intimamente relacionada ao que Gramsci destacou de sermos “conformistas de algum conformismo” (Gramsci, 1999, p. 94). De alguma maneira, pertencemos a um determinado grupo pela própria concepção de mundo, compartilhando um mesmo modo de pensar e agir (Gramsci, 1999). Todavia, esse conformismo se configura ao passo que um grupo social, que tem sua concepção de mundo particular, manifestada nas ações, toma para si, por razões de submissão e subordinação intelectual, uma concepção que não é sua. A conduta deixa de ser independente e autônoma e torna-se submissa e subordinada (Gramsci, 1999). E, ao passo que não se pode separar a filosofia da política, “a escolha e a crítica de uma concepção do mundo são, também elas, fatos políticos” (Gramsci, 1999, p. 97).

Relacionado diretamente com a compreensão de concepção do mundo encontra-se o conceito de ideologia, que deve ser entendida como “o significado mais alto de uma concepção do mundo, que se manifesta implicitamente na arte, no direito, na atividade econômica, em todas as manifestações de vida individuais e coletivas” (Gramsci, 1999, p. 98). O entendimento de ideologia encontra-se ligado a uma unificação dos valores históricos do conhecimento e da cultura, sendo imprescindível a colocação de Gramsci sobre a construção de massa: “A adesão ou não-adesão de massas a uma ideologia é o modo pelo qual se verifica a crítica real da racionalidade e historicidade dos modos de pensar” (Gramsci, 1999, p. 111).

Deste modo, aliado aos entendimentos e conceitos supracitados, o conceito de hegemonia é assim descrito por Gramsci (1999):

É por isso que se deve chamar a atenção para o fato de que o desenvolvimento político do conceito de hegemonia representa, para além do progresso político-prático, um grande progresso filosófico, já que implica e supõe necessariamente uma unidade intelectual e uma ética adequada a uma concepção do real que superou o senso comum e tornou-se crítica, mesmo que dentro de limites ainda restritos (Gramsci, 1999, p. 104).

Depreende-se deste jeito a necessidade imperativa de estabelecer e fortalecer os aparatos de hegemonia das classes subalternas, baseando-se em recursos humanos adequadamente capacitados e organicamente estruturados na perspectiva de uma práxis revolucionária.

Ademais, é essencial nutrir um compromisso genuíno com a prática ética e política, concebendo a política como uma práxis composta por indivíduos que se dedicam ao processo de educação para socializar e influenciar o mundo. Assim, a função dos intelectuais e da escola é mediar a tomada de consciência das massas, que passa pelo autoconhecimento e implica reconhecer o próprio valor histórico.

### **Adaptações psicofísicas: do Fordismo ao Toyotismo**

Gramsci, mesmo estando no cárcere, analisa de maneira profunda o modelo de desenvolvimento conhecido como Fordismo, ainda em sua fase embrionária. Tece inúmeros pensamentos e reflexões sobre o desenvolvimento de uma nova forma de organização das bases materiais de produção e das relações sociais, dando ênfase nas questões político-ideológicas que ajudaram na construção da hegemonia do americanismo, por meio dos mecanismos de coerção e consenso junto à classe operária.

Esse novo modelo de desenvolvimento, baseado nas teorias científicas de Taylor aplicadas na fábrica Ford, objetivou o aumento da produtividade na indústria, porém exigiu uma transformação do trabalhador. O propósito da sociedade americana era:

desenvolver em seu grau máximo, no trabalhador, os comportamentos maquinais e automáticos, quebrar a velha conexão psicofísica do trabalho profissional qualificado, que exigia uma certa participação ativa da inteligência, da fantasia, da iniciativa do trabalhador, e reduzir as operações produtivas apenas ao aspecto físico maquinal (Gramsci, 2015, p. 243).

Assim, com o sistema Fordista, tende-se a separar corpo e mente. Enquanto o físico é reduzido às atividades mecanizadas, o cérebro mantém-se livre para outras ocupações (Gramsci, 2015). É possível observar a presença da lógica de racionalização do trabalho sob a perspectiva da hegemonia do capital na esfera da produção.

Todavia, com essa racionalização do trabalho e com o modo de vida baseado na produção, a construção da nova sociedade passa a necessitar de uma relação dialética entre o Regime de Acumulação (Estrutura) e o Modo de Regulação Social (Superestrutura), com a combinação dos mecanismos de coerção, tal como niilismo do sindicalismo, e consenso, convencendo os trabalhadores com altos salários e/ou benefícios sociais, por exemplo.

O progresso do capitalismo, como forma de ultrapassar o velho individualismo econômico, com a instauração de uma economia pragmática, requer um “novo tipo humano” (Gramsci, 2015, p. 226), conformado e adequado às necessidades do desenvolvimento das forças produtivas. “A vida na indústria exige um aprendizado geral, um processo de adaptação

psicofísica a determinadas condições de trabalho, de nutrição, de habitação, de costumes, etc.” (Gramsci, 2015, p. 229).

Dentre as adaptações psicofísicas, destacam-se: 1) Questão sexual, “foram os instintos sexuais os que sofreram a maior repressão por parte da sociedade em desenvolvimento” (Gramsci, 2015, p. 228); 2) Uso do álcool, “o mais perigoso agente de destruição das forças de trabalho” (Gramsci, 2015, p. 244).

A história do industrialismo foi sempre (e se torna hoje de modo ainda mais acentuado e rigoroso) uma luta contínua contra o elemento “animalidade” do homem, um processo ininterrupto, frequentemente doloroso e sangrento, de sujeição dos instintos (naturais, isto é, animais e primitivos) a normas e hábitos de ordem, de exatidão, de precisão sempre novos, mais complexos e rígidos, que tornam possíveis as formas cada vez mais complexas de vida coletiva, que são a consequência necessária do desenvolvimento do industrialismo (Gramsci, 2015, p. 239).

Com efeito, para tal desenvolvimento, a ideologia puritana foi o meio utilizado para disciplinar fora do ambiente fabril. As iniciativas puritanas não tinham uma preocupação com a humanidade, nem com a espiritualidade do trabalhador. O puritanismo, marcado pela racionalização e pelo proibicionismo, teria como objetivo manter o equilíbrio psicofísico do operário, ou seja, “se preocupa em manter a continuidade da eficiência física do trabalhador, de sua eficiência muscular-nervosa” (Gramsci, 2015, p. 244). Preserva-se o corpo útil, disciplinado e submisso, não apenas no ambiente de trabalho, mas também fora dele.

Desta maneira, a adaptabilidade da classe trabalhadora é uma questão determinante para as novas condições econômicas de produção, prova de que os ajustes dos mecanismos de coerção e consenso foram primordiais para o desenvolvimento da sociedade industrial da época. Não obstante, a partir da crise ocorrida em meados dos anos 1930-40, um novo modelo de desenvolvimento, denominado Toyotismo, faz perpetuar as relações políticas entre as classes até hoje, conservando a hegemonia dominante e os mecanismos de coerção e consenso sob uma nova perspectiva, visto as novas exigências à classe trabalhadora (Alves, 2005), a qual, particularmente, intitulamos o novíssimo novo tipo humano.

O Toyotismo conseguiu se impor como o mais adequado à etapa de crise estrutural pela qual passa o capitalismo. Em meio aos múltiplos modelos de produção disseminados a partir do Fordismo, tais como: sueco, italiano e alemão, o modelo japonês constituiu um novo complexo de reestruturação produtiva, sob o novo regime de acumulação flexível (Alves, 2005).

Uma primeira diferença entre o Fordismo e o Toyotismo está no entendimento do corpo e mente do trabalhador. No modelo fordista, como já enunciado, existe uma cisão entre corpo e mente. O gesto físico ficou completamente mecanizado; a memória do ofício foi reduzida a gestos simples e repetitivos com ritmo intenso, enquanto o cérebro fica livre e desimpedido para outras ocupações (Gramsci, 2015). Cada operário executava apenas uma tarefa de forma mecânica e conhecia somente a sua função.

Já no Toyotismo, observa-se um alinhamento entre corpo e mente; é preciso articular os dois no processo de trabalho, pois o trabalhador tem o conhecimento geral de todos os procedimentos; os funcionários possuem funções menos específicas, trabalhando naquilo que tiver maior demanda no momento. Contudo, apesar da exigência de participação por parte do trabalhador, o conhecimento e a iniciativa no processo de trabalho são meramente expropriados do próprio trabalhador; conseqüentemente, a subjetividade que surge no ambiente fabril se torna inautêntica quanto à real participação do trabalhador no processo produtivo (Ribeiro, 2015). Surge, assim, uma promessa frustrada do Toyotismo em recompor a integração corpo-mente por meio da racionalização do trabalho sob a perspectiva da hegemonia do capital (Alves, 2005).

A lógica da racionalização do trabalho é continuada no novo modelo de produção. Enquanto no Fordismo existia uma racionalização incompleta, o Toyotismo desenvolve por meio dos mecanismos de comprometimento operário o controle da dimensão subjetiva pelo capital e incorpora com desenvoltura as variáveis psicológicas do comportamento operário à racionalidade capitalista na produção, ou seja, não existe a pretensão de instaurar uma sociedade racionalizada, mas apenas uma fábrica racionalizada (Alves, 2005).

Ao que parece, mesmo com o alinhamento entre corpo e mente, o real objetivo do Toyotismo é a manutenção do paradigma da manufatura Fordista, ou seja, “uma certa participação ativa da inteligência, da fantasia, da iniciativa do trabalhador, e reduzir as operações produtivas apenas ao aspecto físico maquinal” (Gramsci, 2015, p. 243), conforme já exposto. Vale muito mais a polivalência do trabalhador que a utilização da sua inteligência. O novo regime impõe o alinhamento como meio de combate ao estresse da superexploração toyotista e não com a finalidade da emancipação do sujeito da disciplina do capital (Alves, 2005).

Assim, o Toyotismo restringe a lógica da hegemonia do capital à produção e recompõe a articulação entre consentimento operário e controle do trabalho. O operário é impelido a pensar e encontrar soluções antes que os problemas ocorram, ou seja, é encorajado a cooperar

com a lógica da valorização do capital. Isso configura uma busca sedenta por hegemonia e promove um investimento na captura da subjetividade, sendo elo significativo da aguda manipulação social do capitalismo em sua fase de crise estrutural (Alves, 2005).

O trabalhador de novo tipo do modelo japonês, diante das transformações do mundo e das relações humanas, possui características bem delineadas: ele é flexível, enxuto e sustentável. Os desafios decorrentes da transição para um novo modo de produção, impulsionados pela crise do Fordismo, introduzem novos paradigmas e questões que transcendem o âmbito do trabalho, abrangendo também aspectos sociais e culturais. Nesta reconfiguração, a velocidade assume um valor preponderante, o que condiciona não somente a relação da humanidade com o trabalho, mas também as interações familiares, as amizades e os relacionamentos afetivos (Ribeiro, 2015).

A lógica do capital invade o espaço doméstico. O corpo é útil, disciplinado e submisso dentro e fora do local de trabalho. Ao passo que o Toyotismo tende a alinhar corpo e mente, o corpo rígido do Fordismo flexibiliza-se em meio às novas exigências do trabalho. Segundo Ribeiro (2015), uma organização flexível do trabalho conjuga a flexibilização da força de trabalho com a flexibilização do processo de trabalho. Essa dinâmica pode resultar em uma fragmentação entre distintas categorias de trabalhadores, devido ao processo de terceirização e subcontratação, que estabelece uma hierarquia entre uma minoria com remuneração e qualificação profissional favoráveis e uma maioria sujeita a condições precárias de emprego. Além disso, o trabalhador contemporâneo é requerido a possuir habilidades versáteis, agilidade e capacidade de desempenhar múltiplas funções. A concentração produtiva assume um caráter invertido, com uma unidade central responsável por coordenar, planejar e organizar a produção de toda uma rede de unidades periféricas.

A fábrica, por sua vez, busca alcançar a produção contínua ideal, sem intervalos ou interrupções, aperfeiçoando o que o modelo fordista já realizava de forma incipiente. Nesse contexto, a busca por ganhos adicionais em termos de intensidade e produtividade do trabalho é crucial, destacando-se a relevância da incorporação de práticas como o *just-in-time*, que busca a precisão da cadeia de produção, encaixando as operações e as execuções de acordo com a demanda do mercado, ou seja, tudo deve ocorrer no devido tempo, nem antes, nem depois, evitando-se o estoque parado e o desperdício de matéria-prima.

Deste modo, o Toyotismo, mais do que o modelo fordista, perpetua o compromisso com a lógica do capital, alterando a subjetividade do corpo e trazendo adaptações psicofísicas da

classe operária. Os mecanismos de coerção e consenso repercutem na atualidade, meramente sob novas formas, conservando a hegemonia dominante.

### **Da Educação Corporal à Educação Física Escolar: considerações críticas para a construção de uma educação emancipatória**

Ao longo da história, existem fatos que se referem à evolução das práticas corporais, “entendidas como manifestações das possibilidades expressivas dos sujeitos” (Brasil, 2018, p. 213). O corpo já foi apresentado e estudado como corpo biológico e, contemporaneamente, é entendido e estudado como corpo histórico-cultural. A própria dinâmica da vida nas interrelações humanas, nos hábitos, nas práticas, nas crenças se transformou no decorrer do tempo. Nesse contexto, o ser humano desenvolveu um acervo de gestos e manifestações corporais com o intuito de suprir as necessidades orgânicas, afetivas, estéticas, lúdicas, políticas e sociais. Assim, o corpo permanece sendo moldado e socializado para a integração na vida em sociedade (Brighente; Mesquida, 2011).

Na perspectiva gramsciana, o corpo é conformado e adequado às necessidades do desenvolvimento das forças produtivas, com um processo de adaptações psicofísicas condicionadas ao trabalho (Gramsci, 2015). Tal entendimento é corroborado com o pensamento de Foucault (1987), “em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações” (Foucault, 1987, p. 163).

Neste processo de adestramento dos corpos, transparece quais são os recursos utilizados para que isso ocorra e leve resultados aos interessados. Gramsci pontuou os métodos de coerção e consenso (Gramsci, 2015), como já visto. Estes métodos são similares ao que Foucault (1987) chama de poder disciplinar, que tem como objetivo adestrar as multidões confusas e inúteis corpos, fabricando indivíduos obedientes. E seu sucesso se baseia em três instrumentos: “o olhar hierárquico, a sanção normalizadora e sua combinação num procedimento que lhe é específico, o exame” (Foucault, 1987, p. 195).

Ademais, um dos objetivos do poder disciplinar é docilizar o indivíduo, fabricando-o, do ponto de vista social, econômico e político, para que produza mais, gere mais lucros e não se revolte com o Estado (Foucault, 1987). Assim, pensar, criar e executar ações socioeducativas significa reconhecer a necessidade de enfrentar a hegemonia dominante em todas as esferas da vida. É necessário e fundamental pensar em uma educação transformadora, emancipatória e crítica ao capital dentro da escola.

No âmbito educacional, a perspectiva freireana desponta como referência fundamental na pedagogia contemporânea. Freire (1987) enfatiza a educação como um processo de conscientização crítica, no qual os indivíduos se tornam conscientes de sua realidade e do potencial de transformação social. Nesse contexto, a educação deve ser comprometida com a superação das desigualdades e a promoção da emancipação dos sujeitos (Freire, 1987).

Essa abordagem dialoga com a visão de Gramsci (1999), que destaca a importância da hegemonia cultural e intelectual na manutenção do poder de uma classe dominante. Argumenta que, além da dominação política e econômica, a classe dominante também exerce seu controle por meio da disseminação de sua ideologia, valores e crenças. Assim, para promover a emancipação dos sujeitos e a superação das desigualdades, o intelectual italiano propõe que a classe subalterna (classe oprimida) deve desenvolver uma consciência crítica e uma nova cultura que desafie a hegemonia da classe dominante (Gramsci, 1999).

Nessa esteira, Gramsci (1999) discute a importância da educação como uma ferramenta essencial para a transformação social. Defende que a educação deve ser acessível a todas as classes sociais e ser voltada para o desenvolvimento de indivíduos críticos e reflexivos. Essa educação crítica permitiria que os sujeitos compreendessem as estruturas de poder, a natureza das desigualdades e formas de opressão, habilitando-os a lutar por mudanças sociais (Gramsci, 1999).

Nessa mesma linha, Saviani (1986) contribui para o debate sobre uma educação mais crítica e emancipatória ao defender a democratização do acesso à educação como meio para superar as desigualdades sociais e promover uma educação mais democrática e emancipadora. Nesse cenário, o papel do professor é fundamental como mediador do conhecimento e condutor do processo de aprendizagem e formação dos estudantes (Saviani, 1986).

Assim, a Educação Física Escolar assume uma relevância ímpar ao buscar promover a formação integral dos indivíduos por meio das práticas corporais. Ao incorporar as contribuições de Antonio Gramsci sobre educação, política e conhecimento, a Educação Física pode adquirir um potencial transformador ao promover a conscientização crítica e a emancipação dos(as) alunos(as). Para tanto, as práticas corporais devem transcender a mera mecanização do movimento, permitindo que os(as) alunos(as) compreendam o movimento em sua dimensão histórico-social e desenvolvam uma consciência crítica sobre as relações de poder na sociedade (Silva, 2022). É necessário estimular a reflexão crítica sobre as práticas pedagógicas na Educação Física, fomentando uma abordagem inclusiva e contextualizada (Kunz, 2004).

A Educação Física pode ser apreendida no âmbito da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) como um componente curricular que aborda e tematiza as diversas manifestações das práticas corporais, permeadas por uma construção sociocultural (Brasil, 2018). Ao reconhecer as práticas corporais como a principal forma de manifestação do indivíduo, esse elemento curricular proporciona ao estudante a oportunidade de exteriorizar e recriar significados e símbolos por meio do movimento. Logo, as representações do eu, do outro e do mundo emergem como consequências do envolvimento do indivíduo com o ambiente que o cerca.

Desta forma, as práticas corporais precisam ser debatidas, pois constituem importantes elementos de formação humana. Por meio delas é viável alcançar a compreensão e estabelecer mediações e possibilidades para a prática pedagógica que visem à socialização e ao diálogo do conhecimento sistematizado (Silva, 2022). Nesse contexto, o movimento como reflexo histórico do eu corporal é um instrumento importante da conscientização e crítica das relações de poder estabelecidas na sociedade imposta pelo capital. Em antagonismo a esta, o cenário da Educação Física contemporânea a partir dos documentos que objetivam balizar a Educação nacional evidencia uma tendência à mecanização das práticas corporais, que se apresentam como interessadas no movimento pelo movimento. Em síntese, as práticas corporais precisam ser compreendidas e vivenciadas, não podem ser apenas uma execução do movimento pelo movimento. Com a compreensão do movimento, estabelece-se uma consciência para julgar e analisar o conhecimento organizado que procura explicar os movimentos corporais historicamente sistematizados (Silva, 2022).

Um primeiro passo é contribuir para que cada aluno(a) desenvolva a necessidade de se reconhecer como sujeito histórico, inserido em uma estrutura e conjuntura complexas. Faz-se necessária a superação do senso comum, considerando que cada um pode receber as informações para a formação de sua personalidade humana consciente, tendo como base para essa formação uma concepção humanista e uma nova cultura, como já propunha Gramsci (1999). Essa superação do senso comum com a tomada de consciência de fazer parte de uma determinada força hegemônica marcará a união da teoria com a prática.

A instituição escolar desempenha um papel essencial na viabilização de uma educação inclusiva e humanista, garantindo o acesso de todos(as) os(as) alunos(as) aos saberes acumulados pela humanidade (Saviani, 1986). Nesse contexto, a Educação Física emerge como uma aliada significativa no processo de formação plena dos estudantes, ajudando-os a reconhecerem-se como sujeitos históricos e a compreenderem as complexidades das estruturas sociais circundantes (Gramsci, 2015). Essa formação integral pode proporcionar aos alunos(as)

a possibilidade de transcender o senso comum e adquirir uma compreensão crítica e reflexiva que contribui para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e livre de exploração (Brasil, 2018; Freire, 1987; Saviani, 1986). Nesse contexto, a educação assume uma importante função na conscientização e mobilização das massas, que anteriormente encontravam-se confusas e inertes, potencializando-as para lutar por uma sociedade mais igualitária e emancipada (Foucault, 1987).

No cerne da escola reside o propósito de ser um espaço-tempo propício que requer a conscientização dos indivíduos sobre a realidade e o conhecimento científico, inseridos em uma estrutura e contexto em que devem ter acesso aos saberes acumulados pela humanidade. Desse modo, atribui-se uma importância fundamental à educação e à cultura, uma vez que as ideias e a cultura materializada são pilares essenciais para a construção de uma sociedade caracterizada pela ausência de exploração. Nesse cenário, as possibilidades humanas são ampliadas por meio de uma escola inclusiva, humanista e formadora, destinada a todos e para todos.

Assim, as práticas corporais, em suas distintas formas de codificação e significado social, assumem um papel relevante no contexto escolar, sobretudo por meio da disciplina de Educação Física, pois suas atividades configuram uma expressão singular da cultura, das experiências corporais e de diversas modalidades de atividades físicas. Para a formação plena do(a) aluno(a), é imprescindível que ele tenha acesso às práticas corporais e à cultura produzida e acumulada. A Educação Física, ao abordar as contribuições de Gramsci sobre educação, política e conhecimento, tem a capacidade de fomentar o pensamento dialético na busca pela compreensão holística do(a) aluno(a) e de reforçar suas bases epistemológicas. Essa perspectiva possibilita a construção de uma educação emancipadora ao incluir a dimensão corporal como parte integrante e potencialmente transformadora do processo educacional.

A Educação Física Escolar, ao abraçar uma perspectiva crítica e emancipatória, consolida-se como uma disciplina que ultrapassa a mera instrução técnica e mecânica do corpo. Ao promover a reflexão, a conscientização e a valorização das práticas corporais, torna-se um instrumento poderoso para a formação de indivíduos conscientes, ativos e engajados na construção de uma sociedade mais justa, democrática e igualitária.

Nesse contexto, é imperativo que as práticas corporais na Educação Física Escolar promovam o acesso, a sistematização e a internalização do conhecimento, proporcionando a transição do pensamento sincrético e do senso comum para formas mais sofisticadas do pensamento e da cultura. Esse processo representa o desenvolvimento gradual e orgânico do(a)

aluno(a), em consonância com a perspectiva proposta por Gramsci, em direção a sínteses cada vez mais elaboradas da realidade.

### Considerações finais

O presente artigo teve por finalidade expor conceitos preliminares da teoria gramsciana, tecer considerações sobre as adaptações psicofísicas nos modelos de desenvolvimento, marcados no mesmo bloco histórico do capital, e as implicações corporais dos indivíduos e suas relações cotidianas na escola.

Ao longo da história, as práticas corporais têm passado por transformações significativas, refletindo as mudanças nas concepções do corpo e suas relações com o contexto sociocultural. De uma perspectiva gramsciana, o corpo é conformado às necessidades do desenvolvimento das forças produtivas, adaptando-se ao trabalho e submetido a poderes restritivos.

A partir da análise de Gramsci e Foucault, compreende-se que o poder disciplinar se manifesta no adestramento dos corpos, visando a produção, o lucro e a obediência ao Estado. Essa realidade coloca desafios para a educação, que deve enfrentar a hegemonia dominante e buscar uma abordagem transformadora e emancipatória.

A concepção humanista de Gramsci dialoga com a perspectiva freireana, ambos destacando a importância da educação como um processo de formação de sujeitos críticos e emancipados. A Educação Física Escolar, ao abraçar essa abordagem, torna-se um instrumento poderoso para a construção de uma sociedade mais justa e democrática. É fundamental que o ensino das práticas corporais vá além da mecanização do movimento, proporcionando uma compreensão mais profunda das relações de poder e da cultura materializada na sociedade.

A Educação Física Escolar surge como uma disciplina com potencial para ir além da mera instrução técnica do corpo, possibilitando aos alunos(as) uma compreensão crítica e reflexiva das práticas corporais. Nesse sentido, a perspectiva freireana se mostra relevante, enfatizando a educação como um processo de conscientização crítica e superação das desigualdades sociais.

Assim, a Educação Física Escolar deve ser entendida como um espaço-tempo de reflexão, conscientização e formação integral dos indivíduos. Por meio das práticas corporais, os(as) alunos(as) têm a oportunidade de reconhecerem-se como sujeitos históricos, inseridos em uma sociedade complexa. A relação entre corpo e poder se evidencia, e o papel da escola é

promover o acesso ao conhecimento sistematizado, para que os(as) alunos(as) desenvolvam uma consciência crítica sobre si mesmos e sobre as relações sociais.

A formação dos(as) alunos(as) deve ser orientada pela reflexão crítica sobre as práticas pedagógicas, fomentando a inclusão, a contextualização e a valorização das experiências corporais. A Educação Física Escolar, ao adotar essa postura, contribui para a construção de uma consciência crítica dos estudantes, potencializando-as para a transformação social e a luta pela construção de uma sociedade mais igualitária e emancipada.

Em síntese, a Educação Física Escolar emerge como um espaço-tempo de enriquecimento das vivências corporais, proporcionando aos alunos(as) uma compreensão crítica das práticas corporais e seu contexto sociocultural. A abordagem emancipatória, inspirada em Gramsci, confere à disciplina um potencial transformador ao estimular a reflexão, a conscientização e o engajamento dos estudantes na construção de uma sociedade mais justa e democrática. A necessidade de transcender o senso comum, de superar as limitações impostas pelo poder disciplinar, é central para a formação de indivíduos conscientes de sua história e capazes de atuar como agentes de mudança social.

Nesse sentido, as práticas corporais não podem ser descontextualizadas, precisam estar inseridas em um contexto histórico e carregadas de significados e símbolos. A partir da compreensão dialética de mundo os indivíduos serão capazes de criticar as adaptações psicofísicas exigidas pelo capital. Além disso, serão capazes de analisar e refletir criticamente acerca das posturas consumistas e da valorização da aparência. Assim, a relação estabelecida com o espelho poderá se desenvolver de forma crítica, sem pressão social para que o indivíduo seja aquilo que o capital exige e/ou aquilo que os outros esperam dele.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, G. Trabalho, corpo e subjetividade: toyotismo e formas de precariedade no capitalismo global. **Trabalho, Educação e Saúde**, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 409-428, set. 2005. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s1981-77462005000200009>. Acesso em: 02 jan. 2022.
- BAUMAN, Z. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadorias. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio De Janeiro: Zahar, 2008.
- BERALDO, B. Um espelho, duas almas e algumas teorias: análise do conto “O Espelho” sob o olhar da antropologia do consumo. **Revista Entremeios**, Pouso Alegre, MG, 14. ed. v. 2, p. 1-12, 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília, DF: MEC, 2018.
- BRIGHENTE, M. F.; MESQUIDA, P. Michel Foucault: corpos dóceis e disciplinados nas instituições escolares. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, EDUCERE 10., 2011. I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, SUBJETIVIDADE E EDUCAÇÃO, 10., 2011. Curitiba, **Anais [...]**. Curitiba, 2011, p. 2390-2403.
- COUTINHO, C. N. A presença de Gramsci no Brasil. **Revista em Pauta**, Rio de Janeiro, n. 22, p. 37-44, 2009.
- CRUZ, C. N. Abdullah Öcalan como Intelectual Orgânico. **Revista Aurora**, [S.l.], v. 14, p. 117-134, 10 jul. 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.36311/1982-8004.2021.v14esp.p117-134>. Acesso em: 02 jan. 2022.
- FLACH, S. F. O pensamento de Antonio Gramsci e as pesquisas sobre políticas educacionais. **Revista de Estudios Teóricos y Epistemológicos En Política Educativa**, [S. l.], v. 5, p. 1-18, 2020. Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5212/retepe.v.5.15219.009>. Acesso em: 02 jan. 2022.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução: Raquel Ramallete. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GRAMSCI, A. **Cadernos do Cárcere – Volume 3**: Maquiavel, a política e o estado moderno. Edição e Tradução: Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.
- GRAMSCI, A. **Cadernos do Cárcere – Volume 1**: introdução ao estudo da filosofia. A filosofia de Benedetto Croce. Edição e Tradução: Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro (RJ): Civilização Brasileira, 1999.

GRAMSCI, A. **Cadernos do Cárcere – Volume 4: temas da cultura. Ação católica. Americanismo e Fordismo.** Edição e Tradução: Carlos Nelson Coutinho. 5ª edição, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte.** 6. ed. Ijuí, RS: Ed. Unijuí, 2004.

MARTINS, M. F. Gramsci, educação e escola unitária. *Educação e Pesquisa*, [S. l.], v. 47, p. 22-40, 2021. e226099. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202147226099>. Acesso em: 02 jan. 2022.

MERLEAU-PONTY, M. **O visível e o invisível.** Tradução: José Arthur Gianotti e Amando Mora d'Oliveira. São Paulo: Perspectiva, 2014.

RIBEIRO, A. F. Taylorismo, Fordismo e Toyotismo. **Lutas Sociais**, São Paulo, v. 19, n. 35, p. 65-79, jul/dez, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.23925/ls.v19i35.26678>. Acesso em: 02 jan. 2023.

SAVIANI, D. **Escola e Democracia.** 14. ed. Perdizes, SP: Cortez Editora, 1986.

SILVA, M. B. O desenvolvimento da corporalidade na esfera da educação física escolar. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, SP, p. 0885-0900, 2022. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.21723/riaee.v17iesp.1.15918>. Acesso em: 02 de jan. 2022.

TAVARES, M. C. G. C. F. **Imagem Corporal – conceito e desenvolvimento.** Barueri, SP: Manole, 2003.

### ***CRediT Author Statement***

---

**Reconhecimentos:** À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro - FAPERJ, pela bolsa concedida à prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Fabiane Frota da Rocha Morgado no Programa Jovem Cientista do Nosso Estado - 2022 - Proc. N.º 200.233/2023.

**Financiamento:** Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro – FAPERJ.

**Conflitos de interesse:** Não há conflito de interesses.

**Aprovação ética:** O trabalho respeitou a ética durante a pesquisa. Tipo de trabalho sem a necessidade de ser submetido a comitê de ética.

**Disponibilidade de dados e material:** Não aplicável.

**Contribuições dos autores:** Felipe Machado HUGUENIN: Conceitualização; Metodologia; Redação - Rascunho Original; Redação - revisão e edição. Vitor Alexandre Rabelo de ALMEIDA: Conceitualização; Metodologia; Redação - revisão e edição. Fabiane Frota da Rocha MORGADO: Redação - revisão e edição.

---

**Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação.**  
Revisão, formatação, normalização e tradução.

